



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Avaliação pós-ocupação de espaços públicos: uma experiência de reabilitação em Fortaleza

Post occupancy Evaluation of public spaces: a rehabilitation experience in Fortaleza.

*Evaluación post-ocupación de espacios públicos: una experiencia de
rehabilitación en Fortaleza*

ROCHA WIRTZBIKI, Nicole

Estudante de graduação, Universidade Federal do Ceará, wirtz.nico@gmail.com

BARREIRA ARARIPE, Natalia

Estudante de graduação, Universidade Federal do Ceará, natalia.natchy@gmail.com

RESUMO

O papel dos espaços públicos na qualidade ambiental e urbana de uma cidade é essencial. Para funcionar bem, estes espaços devem atender às expectativas de seus usuários, suprimindo suas necessidades, o que muitas vezes não acontece. Este artigo tem o objetivo de aplicar uma metodologia de projeto de espaços públicos que tem como alvo os seus usuários. Para isso foi escolhida como área de estudo uma praça da cidade de Fortaleza, que se encontra em situação inadequada e com baixa qualidade urbana. Como parte da metodologia, é desenvolvida uma série de análises que têm como base os usuários da praça, e que resultam no desenvolvimento de diretrizes de projeto para a praça.

PALAVRAS-CHAVE: espaços públicos, placemaking, qualidade urbana.

ABSTRACT

The role of public spaces in urban and environmental quality of a city is essential. To work well, these spaces must meet the expectations of its users, meeting their needs, which often doesn't happen. This article aims to apply a public space design methodology that targets their users. For this, a city square of Fortaleza was chosen as the study area, which is in poor condition and with low urban quality. As part of the methodology, a series of analyzes based on the users of the square are developed, and resulting in the development of project guidelines for the square.

KEY-WORDS: public spaces, placemaking, urban quality.

RESUMEN

El papel de los espacios públicos de calidad urbana y ambiental de una ciudad es esencial. Para que funcione bien, estos espacios deben cumplir con las expectativas de sus usuarios, satisfaciendo sus necesidades, que a menudo no sucede. Este artículo tiene como objetivo aplicar una metodología de diseño de espacio público que se dirige a sus usuarios. Para esto fue elegida una plaza de la ciudad Fortaleza como zona de estudio, que se encuentra en mal estado y con baja calidad urbana. Como parte de la metodología, son desarrolladas una serie de análisis que se basan en los usuarios de la plaza, y que resulta en el desarrollo de directrices de proyecto para la plaza.

PALABRAS-CLAVE: espacios públicos, placemaking, calidad urbana.

1 INTRODUÇÃO

Um bom espaço público é aquele no qual acontecem eventos e trocas socioeconômicas, onde amigos se encontram e culturas se mesclam. Quando esses espaços funcionam bem, servem de palco para nossas vidas sociais, e a vida social nos espaços públicos é essencial para a qualidade de vida dos indivíduos e da sociedade, para o engajamento cívico e a formação de uma comunidade, bem como a interação entre seus indivíduos. Para que um espaço público possa alcançar tudo isso, ele precisa ser concebido para tal, pensado prioritariamente para seus usuários.

Essa maneira de pensar os espaços públicos foi preludiada por grandes pensadores da cidade como Jane Jacobs e William Whyte, e continuou evoluindo através de estudiosos como Jan Gehl, demorando, no entanto, muito tempo até que recebesse a atenção merecida. Contrastando o planejamento modernista, amigável aos automóveis, que invadiu cidades por todo o mundo nos anos 50 e 60, essa outra perspectiva afirma que as pessoas que habitam as cidades são seres sociais, e o que mais apreciam é estar em contato uns com os outros, se observando e interagindo. “O que mais atrai as pessoas, ao que parece, são outras pessoas.” (WHYTE, 1980: 19. Tradução nossa).

Na cidade de Fortaleza, como em muitas outras cidades mundo afora, as oportunidades de socialização estão atualmente privatizadas, confinadas em shoppings e condomínios fechados, ao passo que nas ruas, os espaços públicos que atraem a população estão reduzindo-se gradativamente. Essa situação é bastante agravada pelo alto índice de criminalidade, que é, a um só tempo, causa e consequência parcial do abandono pelo qual passam os espaços públicos. A falta de zelo das gestões por estes espaços gerou uma situação social crítica, que culminou nessa migração de uma parte da população para os locais privados, resultando, ao longo dos anos, numa total dependência desses estabelecimentos para a prática da vida pública de uma parcela da sociedade, e numa exclusão fulminante de outra.

A urbanidade e o sentimento de pertença da população precisam ser restaurados para garantir que os cidadãos fortalezenses tenham mais qualidade de vida e espaços públicos mais democráticos, e isso somente será possível se esses espaços forem elaborados democraticamente, com projetos que supram as necessidades e desejos de seus frequentadores.

O objetivo deste trabalho é elaborar diretrizes de projeto para reabilitação de uma praça de Fortaleza – a Praça das Flores, escolhida justamente por se encontrar degradada e refletir esse estado de

subutilização das áreas públicas da cidade – disponibilizando ferramentas para reverter essa conjuntura negativa e desenvolver urbanidade.

Metodologia

A metodologia que será utilizada é a “avaliação pós-ocupação” (APO). Trata-se de um processo de avaliação de espaços aplicado algum tempo a construção e ocupação de um projeto, e que tem como objeto seus usuários e as necessidades destes, com o objetivo de avaliar o desempenho e eficiência do espaço resultantes das decisões de projeto, podendo ser aplicado tanto a edifícios quanto a áreas livres urbanizadas. Para o caso da Praça das Flores, foram utilizadas várias ferramentas da APO, como levantamento fotográfico, entrevistas e aplicação de questionários com os seus usuários, observação sistemática do espaço, mapas comportamentais, além de identificação de barreiras físicas que atrapalhem a circulação desejada e não conformidades existentes.

Além da APO, trabalha-se também com o conceito de “placemaking”ⁱ, cujos conceitos precursores surgiram nos anos 60, com estudiosos da cidade, como os já citados Jacobs e Whyte, e sua forma inovadora de pensar o espaço público. A partir dos anos 70, esse termo passou a ser utilizado por projetistas, paisagistas e planejadores como uma abordagem de planejamento, design e gestão dos espaços públicos que é centrada nas pessoas. Isto é, trata-se de olhar, escutar e fazer perguntas aos que vivem, trabalham ou frequentam um determinado espaço para descobrir as suas reais necessidades, em busca da elaboração de um ambiente que privilegie a convivência entre as pessoas, a escala humana e a qualidade de vida.

A aplicação do placemaking no objeto de estudo escolhido consiste em, primeiramente, aplicar uma avaliação pós-ocupação para compreender melhor a realidade da dinâmica social da área estudada e o nível de satisfação de seus usuários e, em seguida, utilizar os resultados obtidos para fundamentar um futuro projeto de intervenção que satisfaça suas carências e aspirações.

2 APRESENTANDO O OBJETO DE ESTUDO

O Bosque General Eudoro Correia, também conhecido como Praça do Hospital Militar ou Praça das Flores, é um quadrilátero no Bairro Aldeota, formado pelo encontro de duas grandes avenidas, a Av. Desembargador Moreira e a Av. Padre Antônio Tomás. Com uma admirável quantidade de árvores, ela atrai um grande número de pessoas por duas principais razões: como espaço de caminhada e pelos quiosques de venda de plantas.

Figura 1: A Praça das Flores



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2015.

O bairro da Aldeota foi a primeira centralidade na cidade depois do centro tradicional, que surgiu inicialmente como área de expansão residencial buscada pela elite -- que procurava afastar-se do centro já muito adensado -- e, a partir dos anos 70, começou a atrair outros tipos de atividades. Atualmente, a Aldeota é um bairro extremamente verticalizado, com traçado viário ortogonal, uma alta taxa populacional e inúmeros centros comerciais, onde se localizam pelo menos quatro grandes shoppings. É, também, uma área bastante visada turisticamente, devido a sua oferta de serviços e sua localização próxima à Avenida Beira Mar, o cartão postal e maior ponto turístico da cidade. Apesar de ser o alvo de tantos empreendimentos e do grande adensamento populacional de residentes e visitantes, a urbanidade do bairro não é alta. O trânsito de carros é intenso e não há variedade dos meios de transporte; quase não existem pequenos comércios não há interação entre os espaços públicos e privados.

Embora tenha sido instituído como praça pública em 1945, o quadrilátero da Praça das Flores teve seu primeiro projeto oficial inaugurado somente em 1983. Na época, o local era apenas um areal que possuía poucas árvores arbustivas e uma banca de revistas, e que servia como campo de futebol. O projeto foi uma solicitação dos moradores do bairro, uma maioria de indivíduos de classe alta que acreditava que o espaço estava se marginalizando. Esse acontecimento provavelmente teve ligação com o aumento da ocupação ilegal de cidadãos de classe baixa em lotes do bairro, casebres

construídos em terrenos baldios ou até no leito das ruas, muitas vezes decorrente do contínuo processo de migração do interior do Estado por consequência das secas.

Mas, apesar de tudo isso, seus espaços públicos, para convívio ao ar livre da população, são escassos e carentes de atrativos, pois o bairro possui apenas três praças públicas, sendo uma delas a Praça das Flores. Esta praça é um ponto focal no bairro, inserida em uma área a qual Diógenes determina como o “centro da Aldeota”, isto é, a área dentro do próprio bairro aonde vem acontecendo as mudanças mais significativas.

Este centro pode ser identificado como um trecho formado por aproximadamente 54 quadras em torno do cruzamento das avenidas Santos Dumont e Desembargador Moreira, onde a paisagem urbana revela uma nova imagem, através da aparência das edificações, da concentração da atividade comercial, da presença de inúmeros edifícios de escritórios, do grande fluxo de população nas ruas, do congestionamento e da verticalização. (DIÓGENES, 2005: 69)

O projeto original da praça sofreu várias alterações ao longo dos anos, e a principal delas aconteceu na década de 90. Por iniciativa da Prefeitura de Fortaleza, foram instalados 39 quiosques de venda de plantas, dispostos ao redor da praça. Atualmente, a maioria dos quiosques está ativa, mas algumas unidades foram abandonadas ou agregadas por seus vizinhos. Permanecem também alguns equipamentos do projeto original, como uma quadra de esportes, o desenho dos canteiros, alguns caminhos feitos de pedrisco, além de alguns acréscimos mais recentes, como os aparelhos de ginástica. A observação do contexto da Praça das Flores na Aldeota nos mostra que a falta de espaços públicos bem planejados no bairro, que sejam próximos e articulados, priva a população da oportunidade de aproveitar a vida pública nos espaços da cidade, enfraquecendo, assim, sua cidadania.

3 ANÁLISE DA PRAÇA

Seguindo as tendências nos projetos paisagísticos de praças em todo o Brasil desde os anos 60, o projeto da praça seguiu o estilo do paisagismo norte-americano, priorizando áreas recreacionais e canteiros, com uma grande quantidade de árvores que, até certo ponto, dificulta a utilização desse espaço urbano pela população.

(...) a partir dos anos 60, o projeto das praças incorporou influências estéticas e funcionais do paisagismo moderno norte-americano e, mais recentemente, adotou exacerbadas preocupações “ecológicas”; e que, apesar de considerar frequentemente o uso coletivo um de seus objetivos principais, as inovações trazidas por ele nem sempre resultaram em espaços mais convidativos ou adaptáveis à presença da população.” (ALEX, 2008: 17)

O lado mais largo da Praça mede 216 m e o mais estreito, 100m. Os quarteirões que a circundam são

curtos, formando um tecido urbano de grande permeabilidade e acesso facilitado para carros e pedestres. O acesso de pedestres, porém, é facilitado nas laterais formadas por ruas locais, pois têm menor fluxo de veículos. Já as duas laterais, formadas por grandes avenidas, contêm muitas faixas de rolamento de veículos e poucas faixas de pedestre. A dificuldade em atravessar uma das avenidas deve aumentar após a execução do projeto previsto para ela, em que a tornará uma via de mão única, retirando o canteiro central. O estacionamento existente nesta mesma avenida possui proporções maiores do que o necessário, atrapalhando o trânsito de carros e o acesso dos pedestres. As construções contínuas nos quarteirões que rodeiam a praça, apesar de a maioria não possuir um gabarito alto, conferem aos seus arredores um total fechamento espacial ao nível dos olhos dos pedestres, contendo muitos muros cegos, o que faz com que as pessoas prefiram caminhar pelas calçadas do lado da praça.

Localizada em uma área elevada e sem convergência de águas, a quadra ocupada pela praça é praticamente plana, entre as cotas 29,9 m e 33,8 m, conferindo ao espaço a inclinação média de 1%. Essa topografia plana e a facilidade de acesso atraem o grande fluxo de pessoas que diariamente caminham por suas calçadas e utilizam suas paradas de ônibus e outros equipamentos. A Praça das Flores é como uma ilha verde em uma área extremamente adensada da cidade. As suas calçadas externas - delimitadas pelos quiosques de plantas implantados paralelamente às ruas - são sombreadas e atrativas, com um grande fluxo de pedestres que estão de passagem ou que as utilizam para praticar caminhada, além dos clientes dos quiosques.

Entretanto, a configuração desses quiosques com frente virada para a rua constitui uma barreira que obstrui física e visualmente o interior da praça, o que acarreta também uma obstrução simbólica e social. O interior e a calçada estabelecem-se como duas áreas distintas e sem conexão, pois apesar da pavimentação das calçadas externas se estenderem ao interior da praça, muito menos pessoas as utilizam por serem passagens isoladas e sem visibilidade da rua, o que provoca sensação de insegurança e vulnerabilidade aos pedestres. O isolamento visual do interior da praça desperta a possibilidade de assaltos, que não são incomuns na área.

O centro da praça, parcamente utilizado pela população (com exceção do quadrilátero de concreto onde se localizam os novos aparelhos de ginástica), é formado por um areal ponteadado de árvores de médio e grande porte e permeado por um caminho gasto de pedriscos. As numerosas árvores, responsáveis pela sombra generosa, são dispostas de maneira aleatória e o não permitem a utilização

do espaço para a realização de atividades múltiplas; assim como o piso de areia, inadequado para a maioria das práticas realizadas em uma praça urbana. Os canteiros na área pavimentada são pequenos, passando despercebidos pelas pessoas que usam o lugar.

Aplicação da APO

Para a primeira fase de aplicação do placemaking, que consiste na avaliação pós-ocupação do espaço, serão utilizados alguns métodos desenvolvidos por estudiosos como William Whyte e Sun Alex: os levantamentos de usos, conformidades e não conformidades, descritos a seguir.

Para o levantamento de usos e conformidades, será empregado o método de A.P.O. utilizado por Whyte, cujos instrumentos de avaliação são (1) observações sistemáticas de uso em horários diferentes e intervalos regulares; (2) mapeamentos comportamentais, observando a quantidade e diversidade de pessoas (com destaque para a presença de mulheres e casais), atividades desenvolvidas, grupos que se engajam em conversas, convívio entre gerações e contato entre estranhos; (3) ensaios fotográficos para registro do uso e de situações de desajuste entre projeto e uso, e (4) aplicação de questionário e entrevistas com usuários, comerciantes do local e pessoal responsável pela manutenção, com geração de gráficos baseados nos questionários aplicados

Para o levantamento das não conformidades, no qual será observado o confronto do uso com as intenções do projeto, serão adotadas referências como comportamento-padrão, limpeza, higiene e integridade física do ambiente, assim como doses de bom senso, baseado nos métodos de APO de Alex. As não conformidades serão divididas em três tipos: não conformidade por uso (decorrentes de má utilização pelos usuários), por intervenção oficial (decorrentes de má administração) e por projeto (decorrentes de decisões de projetuais).

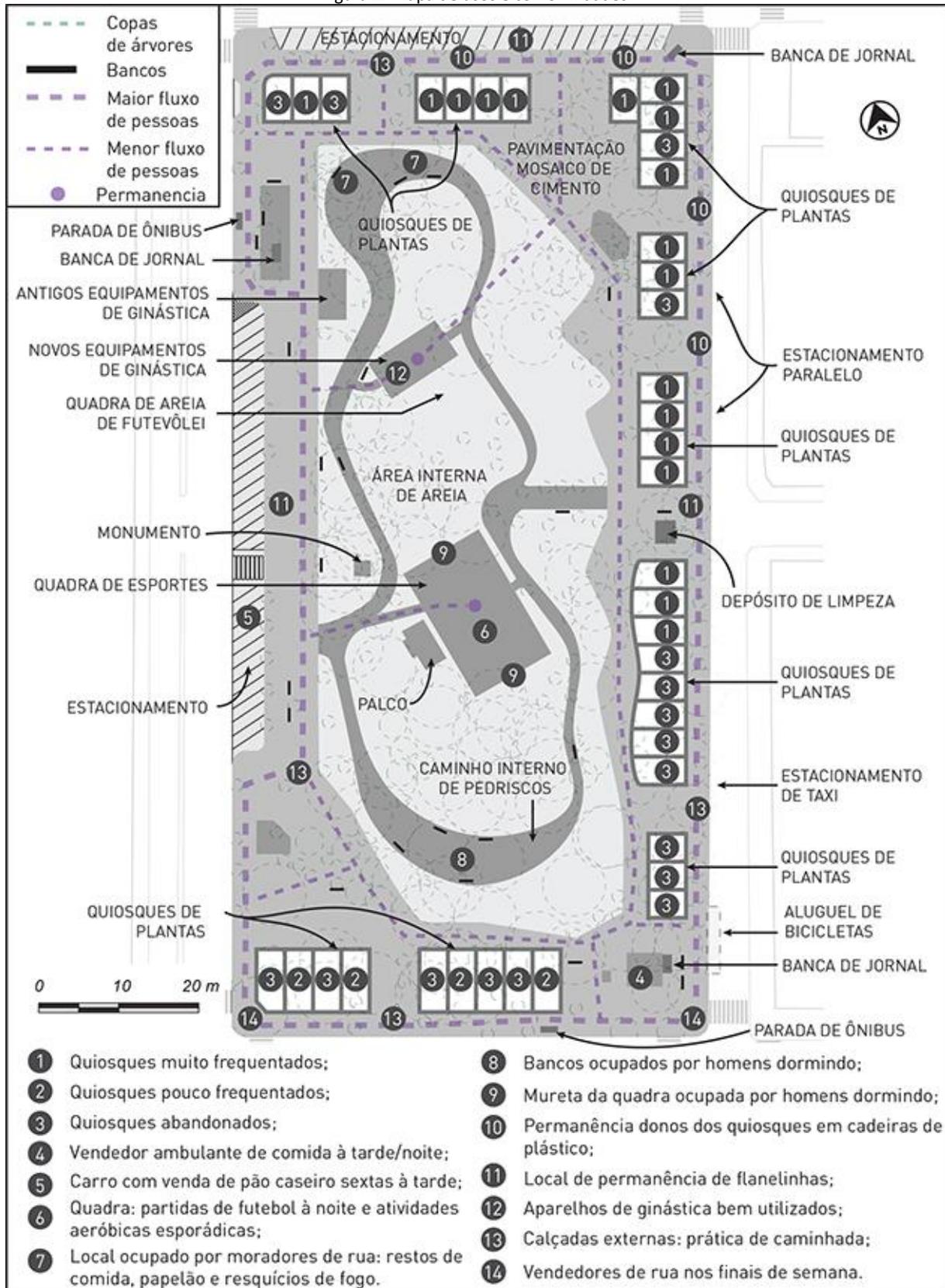
Os resultados obtidos dessas análises, trabalhadas em campo, foram sintetizados em mapas, gráficos e imagens. Os dois mapas a seguir mostram o resultado da identificação dos usos, conformidades e não conformidades.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Figura 2: Mapa de usos e conformidades.





PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Figura 3: Mapa de não conformidades.



O levantamento fotográfico feito ilustra bem vários dos problemas mostrados nos mapas.

Figura 4: Guias não rebaixadas nas esquinas e falta de manutenção (pavimentação quebrada)



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2015.

Figura 5: Bancos escassos e degradados.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2015.

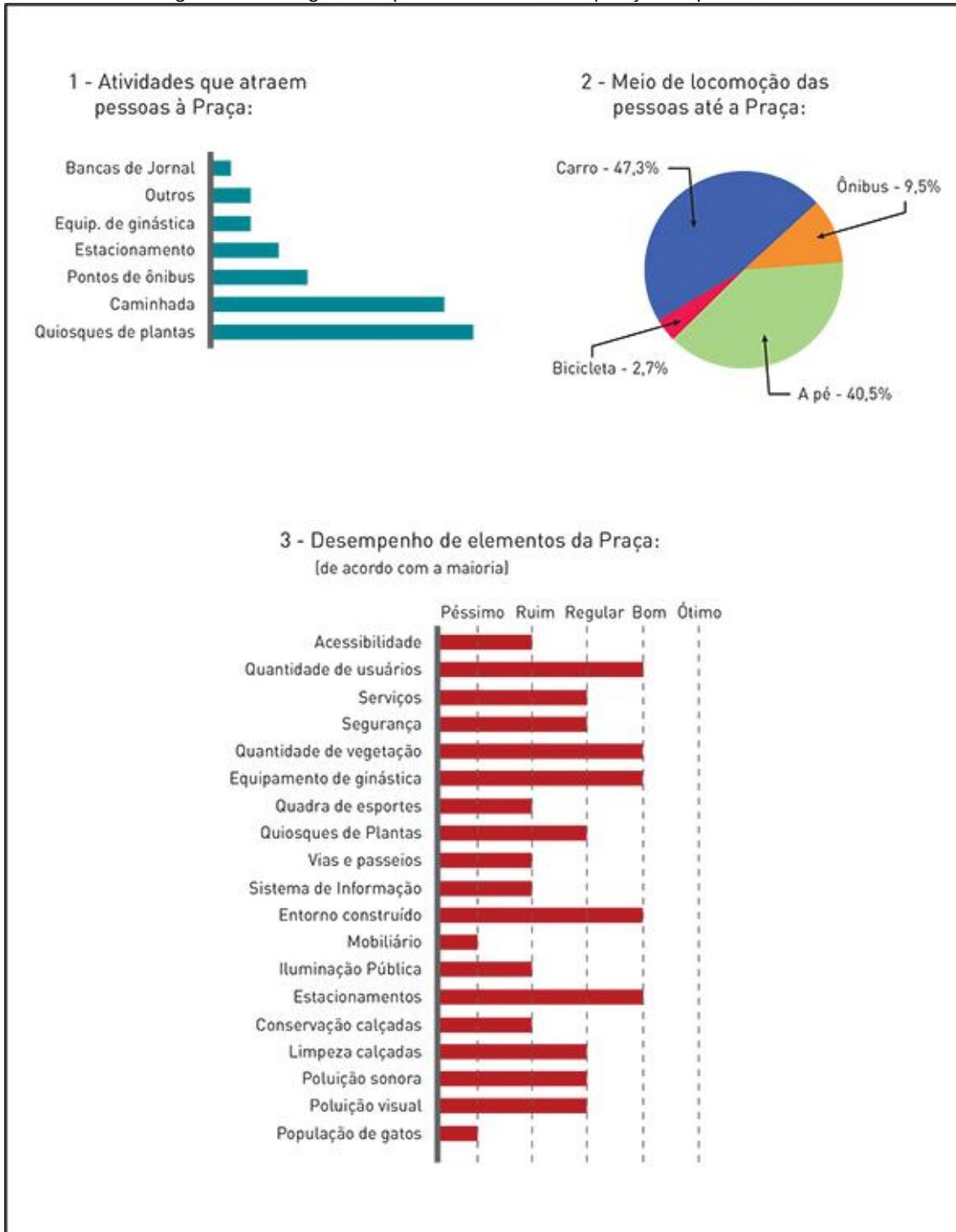
Figura 6: Área interna subutilizada e sem atrativos.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2015.

Já aplicação dos questionários e as entrevistas com os usuários resultaram nos seguintes gráficos, que traduzem a suas satisfações e necessidades:

Figura 7: Gráficos gerados a partir das entrevistas e aplicação de questionários.



O levantamento de dados realizado na Praça das Flores foi feito no período entre outubro de 2014 a abril de 2015, procurando cumprir uma escala de diversidade de horários e dias da semana. A observação de campo e as entrevistas realizadas mostram que os quiosques de plantas – os maiores originadores de público para a praça – são mais movimentados nas laterais das duas ruas locais; e que à medida que eles se aproximam da esquina dessas ruas, mais movimentados eles são. Isso acontece graças à facilidade de acesso promovida por essas vias que possuem menor caixa viária, facilitando a travessia de pedestres e, conseqüentemente, o acesso aos quiosques.

Uma boa praça começa em suas esquinas, com uma relação ativa com a rua, atraindo mais pessoas. "A atividade na esquina é um grande show, e uma das melhores maneiras de aproveitá-la ao máximo é, simplesmente, não mura-la." (WHYTE, 1980: 57. Tradução nossa). Como observado, a acessibilidade da praça é limitada tanto na relação da calçada com a rua - com suas esquinas sem guias rebaixadas e lânguidas faixas de pedestres - quanto na relação da calçada com o interior da praça. Isso prejudica seu total aproveitamento, tornando muitos de seus espaços subutilizados.

(...) o convívio social no espaço público está intimamente relacionado com as oportunidades de acesso e uso, o que depende de um desenho "interno" coerente e de um desenho "externo" - as ruas e o tráfego da área - adequado. A articulação com o tecido urbano, isto é, a conexão entre espaços variados, da praça e do entorno, é uma de suas funções originais e essenciais. (ALEX, 1980: 126)

No interior da praça, os escassos bancos encontrados estão quebrados. Essa falta de espaços de permanência vai exatamente contra o que, de acordo com Whyte, parece ser uma dedução simples que nem sempre é levada em consideração nos projetos de praças: as pessoas tendem a sentar mais onde existem lugares para se sentar. Bancos confortáveis, cadeiras móveis, espaços que acolham grupos maiores e, principalmente, fazer dos elementos inerentes da arquitetura lugares "sentáveis" (como parapeitos, muretas, canteiros, fontes e escadas), convida os pedestres a permanecer no local. Assim, o público da Praça das Flores está sempre de passagem, e não há presença de mulheres, casais ou famílias com crianças, somente de homens desacompanhados que geralmente dormem no local, ocupando os poucos e danificados bancos, muitos dos quais são moradores de rua.

A falta de caminhos que conduzam para o interior da praça, a presença de uma grande quantidade de árvores muito próximas umas das outras (o que dificulta a visibilidade à longa distância e impede a realização de atividades múltiplas), a falta de um ponto focal, a degradação da única quadra existente e a falta de opções de atividades diversas são outros motivos para o quase abandono da área central da praça. Tudo isso torna o local inseguro e inadequado como espaço público.

4 DIRETRIZES DE PROJETO

A partir dos resultados obtidos com a análise feita, e seguindo os princípios do placemaking, foram desenvolvidas algumas diretrizes de projeto, com o objetivo de orientar uma futura intervenção que venha a melhorar este espaço, tornando-o mais atrativo à comunidade e suprimindo suas reais necessidades. As diretrizes desenvolvidas foram sintetizadas na tabela a seguir.

Tabela 1: Diretrizes propostas

	Diretrizes	Justificativa
1	Incorporar à praça o espaço equivalente a terceira faixa da Av. Des. Moreira, estabelecendo sentido único de rolamento de acordo com o projeto já previsto para ela.	O sentido único vai possibilitar a instauração na via de ciclofaixa e faixa única de exclusividade de ônibus. A incorporação da terceira faixa extra ajudará na diminuição do engarrafamento no trecho e facilitará a passagem de pedestres.
2	Fortalecer física e visualmente as passagens de pedestres. Estabelecer faixa e sinal de pedestres no meio do quarteirão na lateral da Av. Des. Moreira.	Facilita o acesso à praça pelas avenidas de grande porte.
3	Proporcionar esquinas abertas, com espaços para se sentar. Criar um marco e vista na esquina da Av. Des. Moreira com Av. Pe. Antônio Tomás.	Atrair pessoas que passam pelas vias lindeiras à praça, fazendo-as sentir-se convidadas a usufruir do espaço público.
4	Criar caminhos pavimentados e sombreados que guiem o pedestre das esquinas até o centro da praça.	Ajuda a direcionar o fluxo de pedestres de uma maneira confortável e intuitiva para que eles ocupem o centro da praça, tanto como passagem mais curta entre esquinas diametralmente opostas quanto como espaço de permanência, além de liberar o visual para o centro da praça.
5	Criar um ponto focal no centro da praça: um café.	Um café é um estabelecimento simples, que oferece a possibilidade de uma nova atividade (lanchar) um preço razoável, dando às pessoas uma razão concreta para permanecer ocupando o espaço interno da praça. Além disso, as mesas e cadeiras móveis do lado de fora do café são opções confortáveis e flexíveis para os frequentadores.
6	Criar destaque paisagístico para as árvores mais frondosas no centro da praça.	Valoriza a arborização interna da praça, auxilia na condução dos pedestres e reforça o fornecimento de lugares para sentar.
7	Criar diferentes e numerosas opções de lugares para sentar.	Convida os pedestres a permanecer no local.
8	Criar nova área de equipamento de ginástica e uma rota interna de caminhada. Os equipamentos de ginástica devem localizar-se na passagem da rota de caminhada, porém com visibilidade da rua.	A rota de caminhada, a segunda maior atividade exercida no local, se limita atualmente às calçadas externas. Ao elaborar uma trajetória com pavimentação adequada que percorra o interior da praça, ele se tornará mais ocupado e, conseqüentemente, mais seguro.
9	Posicionar novos quiosques de vendas de plantas agregados na esquina das ruas locais.	Libera o visual e o acesso ao interior da praça e fortalece o comércio de plantas dos quiosques, que ficarão mais próximos uns dos outros, facilitando sua utilização pelos clientes.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

10	Introduzir uma fonte de água corrente acessível para que as pessoas se aproximem e sentem ao seu redor. É importante que as beiradas da fonte sejam apropriadas para que os frequentadores possam se sentar e entrar em contato direto com a água, se desejarem.	A água em movimento é um elemento do qual as pessoas gostam de estar perto. O seu som substitui o barulho da rua e promove uma sensação de repouso e tranquilidade. No clima quente de Fortaleza, provoca uma sensação térmica mais agradável. Além disso, de acordo com Whyte, "Não é correto colocar água diante das pessoas e mantê-las longe dela." (WHITE, 1980: 48. Tradução nossa).
11	Tornar a quadra de esportes sombreada e posicioná-la próximo à passagem de pedestre.	Amplia sua utilização, facilita seu acesso e aumenta sua visibilidade.
12	Criar área com jardins para contemplação e espaço para atividades aeróbicas.	Oferece maior diversidade de atividades, o que torna os espaços públicos mais bem utilizados. Segundo a organização PPS, "lugares prosperam quando os usuários têm uma série de razões (10 ou mais) para estar lá" (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2014, tradução nossa).

O mapa a seguir ilustra as diretrizes propostas de maneira esquemática.

Figura 8: Mapa esquemático de diretrizes propostas.



5 CONCLUSÃO

Os espaços públicos têm um importante papel na geração de urbanidade, e devem ser valorizados e utilizados. Como diz Richard Rogers, “à medida que a vitalidade dos espaços públicos diminui, perdemos o hábito de participar da vida urbana da rua.” (ROGERS, 2001: 10). No entanto, muitas vezes esses espaços são desvalorizados, e acabam por se degradar, frequentemente por serem impostos escassamente e de maneira inadequada à população.

Com este estudo de caso em Fortaleza e a experiência das análises expostas, é possível mensurar como placemaking se mostra uma importante ferramenta de projeto para áreas livres, considerando as reais necessidades da população, que deve ser o verdadeiro alvo do projeto. E principalmente, pode-se perceber que esta ferramenta pode ser aplicada a diversos contextos, não se restringindo apenas às cidades dos países desenvolvidos, mas funcionando como estímulo a mudanças na forma de pensar a cidade também em lugares onde ainda se valoriza tanto o individualismo.

6 REFERÊNCIAS

- ALEX, S. *Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público*. São Paulo: Editora SENAC, 2008.
- DIÓGENES, B. H. M. *A centralidade da Aldeota como expressão da dinâmica intra-urbana de Fortaleza*. 2005. 198f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- GEHL, J. *Cidade para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martin Fontes, 2000.
- ORNSTEIN, Sheila. *Avaliação pós-ocupação do ambiente construído*. São Paulo: Studio Nobel, 1992.
- PROJECT FOR PUBLIC SPACES. *What is Placemaking?*. Disponível em: http://www.pps.org/reference/what_is_placemaking/. Acesso em: 23 set. 2014.
- PROJECT FOR PUBLIC SPACES. *The Power of 10*. Disponível em: <http://www.pps.org/reference/the-power-of-10/>. Acesso em: 23 set. 2014.
- WHYTE, W. H. *The social life of small urban spaces*. Washington: DC.: The Conservation Foudation, 1980.
- ROGERS, Richard. *Cidades para um pequeno planeta*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001.

ⁱ Placemaking é um movimento que reimagina espaços públicos como o coração de cada comunidade, em cada cidade. É uma abordagem transformativa que inspira as pessoas a criar e melhorar os seus locais públicos. Placemaking fortalece a conexão entre as pessoas e os lugares que eles compartilham. (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2014, tradução nossa)